

KATE
MORTON

AS HORAS DISTANTES

Tradução de Cristina Correia

Silêncio... Consegues ouvi-lo?

As árvores conseguem. São as primeiras a saber que está a chegar.

Escuta! As árvores do bosque profundo e escuro, estremeando e agitando as folhas como invólucros finos de prata velha; o vento dissimulado, serpenteando pelas copas, sussurrando que não tardará.

As árvores sabem, pois são antiquíssimas e outrora testemunharam tudo isto.



Não há luar.

Não há luar quando o Homem de Lama chega. A noite calçou um par de elegantes luvas de pelica; lançou um lençol negro sobre a terra; um ardil, um artifício, um feitiço soporífero, para que tudo lá em baixo adormeça suavemente.

Escuridão, mas não só – pois em tudo há delicadas matizes e gradações e texturas. Repara: a imprecisão tosca dos bosques desordenados, a extensão recortada dos campos, o fosso de molassa macia. Contudo... A não ser em caso de grande infortúnio, não irás notar que algo se mexeu onde nada devia bulir. És verdadeiramente afortunado. Pois não há ninguém que tenha visto o Homem de Lama erguer-se e sobrevivido para contar a história.

Ali – estás a ver? O fosso escorregadio e escuro, o fosso coberto de lama, deixou de estar imóvel. Surgiu uma bolha, ali na parte mais larga, uma bolha palpitante, o frémito de uma ondulação quase impercetível, um indício...

Porém, desviaste o olhar! Como foste sensato ao fazê-lo. Tais visões não são para pessoas como tu. Ao invés, a nossa atenção irá virar-se para o castelo, pois também algo se agita por lá.

Bem alto na torre.

Olha bem e verás.

Uma menina afasta os cobertores.

Levaram-na para a cama horas atrás; num quarto adjacente, a sua ama ressona suavemente, sonhando com sabão e lírios e copos altos de leite fresco. No entanto, algo despertou a menina: senta-se furtivamente, desliza as pernas pelo lençol branco e lavado para o lado da cama e pouisa os pés um ao lado do outro: dois blocos pálidos e estreitos no chão de madeira.

Não há Lua para contemplar nem para iluminar. Ainda assim, é atraída até à janela. O vidro granido está frio. Sente o ar noturno gelado a tremeluzir enquanto trepa para cima da estante, sentando-se acima da fila dos livros preferidos da infância que foram postos de parte, vítimas da sua vontade de crescer e partir. Ajeita a camisa de noite à volta das coxas pálidas e pouisa a face no espaço onde um joelho branco se junta ao outro.

O mundo está lá fora, as pessoas deslocam-se nele como bonecos de corda.

Um dia, em breve, tenciona vê-lo com os seus próprios olhos; pois aquele castelo até pode ter trancas em todas as portas e grades nas janelas, mas tudo isso serve para impedir que a outra coisa entre e não para mantê-la fechada.

A outra coisa.

Ouviu histórias sobre ele. Ele é uma história. Uma lenda antiga da qual restam as grades de ferro e as trancas como testemunhas de uma época em que as pessoas acreditavam em tais coisas. Rumores de monstros em fossos que montavam guarda à espera de atacar belas donzelas. Um homem que fora vítima de uma injúria em tempos idos; que procura vingança pela sua perda, uma e outra vez.

Porém, a menina – que franziria o sobrolho se ouvisse alguém descrevê-la deste modo – já não se deixa perturbar por monstros infantis e contos de fadas. Esta janela, este castelo, já não lhe chega, mas por enquanto é tudo o que tem, por isso olha pela janela, sorumbática.

Lá fora, mais além, na ondulação entre as colinas, a aldeia começa a cair na sonolência. Um comboio lento e distante, o último da noite, assinala a chegada; um chamamento solitário ao qual ninguém responde e o revisor, com uma boina rígida de pano, avança aos tropeções para erguer o sinal. Nos bosques ali

perto, um caçador furtivo faz pontaria e sonha em regressar à sua cama, enquanto nos arrabaldes da aldeia, numa casinha com a tinta a pelar, se ouve o choro de um recém-nascido.

Acontecimentos perfeitamente banais num mundo em que tudo faz sentido. Quando tudo é visto no momento em que existe; quando se sente a falta quando não existe. Um mundo díspar daquele no qual a menina despertou.

Pois lá em baixo, mais perto do que ela se lembrou de olhar, algo sucede naquele instante.



O fosso começou a respirar. Fundo, lá bem no fundo, atolado na lama, o coração do homem enterrado bate molhado. Um ruído baixo, lembrando uma brisa que geme, embora diferente, ergue-se das profundezas e paira ansioso acima da superfície. A rapariga ouve-o; aliás, sente-o, já que os alicerces do castelo estão unidos à lama, e o gemido infiltra-se nas pedras, sobe as paredes, um piso a seguir ao outro, passando impercetivelmente através da estante onde está sentada. Uma história outrora adorada tomba ao chão e a menina na torre arqueja.

O Homem de Lama abre um olho. Rápido, repentino, desloca-o de um lado para o outro. Estará a pensar, mesmo nesse instante, na família que perdeu? A mulherzinha encantadora e os dois bebés roliços e pálidos que deixou para trás: ou será que a sua mente recua ainda mais, até aos dias da sua infância, quando corria com o seu irmão pelos campos de esguios caules amarelados? Ou irão os seus pensamentos para a outra mulher, aquela que o amou antes de ele morrer? Aquela cuja lisonja e atenções e recusa em ser rejeitada custou tudo ao Homem de Lama...



Algo muda. A menina sente-o e sente um calafrio. Leva a mão ao vidro gelado, deixando uma marca a lembrar uma estrela na condensação. A hora em que as bruxas andam à solta está a chegar, embora não saiba designá-la dessa forma. Agora, não resta ninguém para a ajudar. O comboio partiu, o caçador furtivo já dorme ao lado da esposa, até o bebé dorme, tendo desistido de tentar contar ao mundo tudo o que sabe. No castelo, só a menina à janela está acordada; a ama parou de rressonar e a sua respiração é tão leve

que poderia julgar-se congelada; os pássaros no bosque do castelo também se calaram, enfiando as cabeças sob as penas trémulas, olhos cerrados formando finas linhas cinzentas, afastando aquilo que sabem que está a chegar.

A rapariga é a única acordada; e o homem, a despertar na lama. O seu coração acelera, pois chegou a sua hora e não demorará muito. Roda os pulsos, os tornozelos, iça-se do leito de lama.

Não olhes. Imploro-te, desvia o olhar quando ele emergir, quando trepar do fosso, quando alcançar a margem escura e alagadiça, erguer os braços e inalar. Quando se lembrar de como é respirar, amar, padecer.

Ao invés, olha para as nuvens de tempestade. Mesmo às escuras irás vê-las chegar. Um ribombar de nuvens iradas e carregadas, correndo, lutando, até ficarem por cima da torre. Será o Homem de Lama que traz a borrasca ou será a borrasca que traz o Homem de Lama? Ninguém sabe.

Nos seus aposentos, a menina inclina a cabeça quando as primeiras gotas relutantes salpicam o vidro de encontro à sua mão. Esteve bom tempo durante o dia, não fez muito calor, estava fresco no início da noite. Não se ouviu falar de chuva da meia-noite. Na manhã seguinte, as pessoas saudarão, admiradas, a terra encharcada, coçarão a cabeça e sorrirão umas para as outras, dizendo: “Vejam só! E pensar que dormimos enquanto caía uma tempestade destas!”

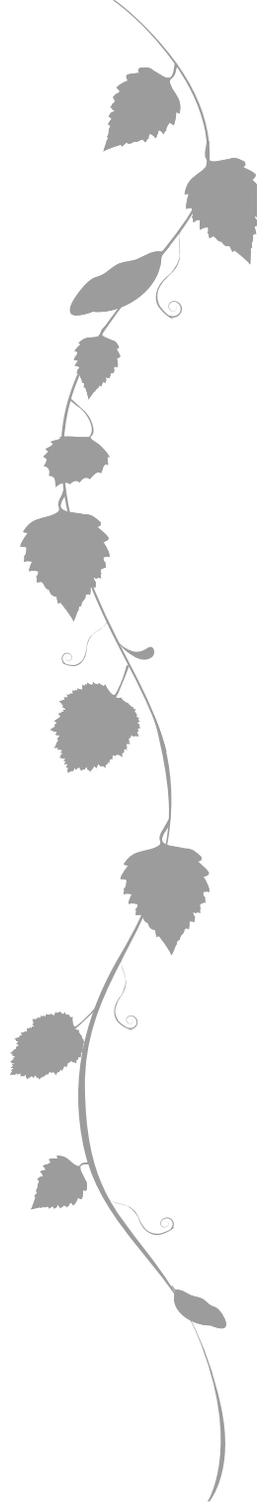
Mas olha! O que é aquilo? Um vulto, uma massa está a trepar a parede da torre. A silhueta trepa célere, hábil, de forma impossível. Pois certamente nenhum homem é capaz de tal proeza.

Chega à janela da menina. Ficam frente a frente. Ela vê-o através do vidro raiado, através da chuva – que agora bate; uma criatura monstruosa e enlameada. Abre a boca para gritar, para pedir socorro, mas nesse instante, tudo muda.

Perante os seus olhos, ele muda. A menina divisa através das camadas de lama, através de gerações de escuridão e raiva e mágoa, até alcançar o rosto humano por baixo. O rosto de um jovem homem. Um rosto esquecido. Um rosto de tamanha saudade e tristeza e beleza; e estende o braço, imprudente, para abrir a janela. Para o abrigar da chuva.

Raymond Blythe, *A Verdadeira História do Homem de Lama*, Prólogo

I





Uma carta extraviada encontra o destinatário

1992

Tudo começou com uma carta. Uma carta que se perdera há muito tempo, esperando meio século num saco de correio esquecido algures num sótão sombrio de uma casa qualquer em Bermondsey. Por vezes, penso nele, nesse saco de correio; naquelas centenas de cartas de amor, contas da mercearia, postais de aniversário, bilhetes de crianças aos pais, que permaneceram juntos, dilatando-se e suspirando enquanto as suas mensagens frustradas sussurravam na escuridão. À espera, à espera que alguém se desse conta de que estavam ali. Pois diz-se, fiquem a saber, que uma carta irá sempre procurar quem a leia; que, mais tarde ou mais cedo, quer se goste quer se odeie, as palavras encontram uma forma de chegar à luz, de darem os seus segredos a conhecer.

Perdoem-me, estou a ser romântica – um hábito adquirido ao longo dos anos que passei a ler romances do século XIX à luz de uma lanterna, enquanto os meus pais julgavam que dormia. O que quero dizer é que é estranho pensar que, caso Arthur Tyrell tivesse sido um tudo-nada mais responsável e não tivesse bebido um copo a mais naquela véspera de Natal em 1941 para chegar a casa e cair num sono embriagado em vez de terminar a entrega do correio, se o saco não tivesse sido enfiado no sótão e aí ficado escondido até à sua morte alguns cinquenta anos mais tarde quando uma das suas filhas o descobriu e telefonou ao *Daily Mail*, tudo poderia ter sido diferente. Para a minha mãe, para mim e, em especial, para Juniper Blythe.

Talvez se lembrem de ter lido sobre o assunto quando sucedeu: apareceu em todos os jornais e nos noticiários da televisão. O Channel 4 até fez uma emissão especial em que convidou alguns dos destinatários para falarem da

sua carta, da sua voz específica do passado que voltou para os surpreender. Havia a mulher cujo namorado estivera na RAF, e o homem com o postal de aniversário que o filho evacuado lhe enviara, o rapazinho que morrera uma semana depois por causa de um estilhaço. Foi um programa muito bom, pensei: capaz de emocionar em certas partes, histórias felizes e tristes interpoladas com imagens da guerra. Chorei algumas vezes, mas tal não significa grande coisa: sou propensa à lágrima.

Porém, a mãe não participou no programa. Os produtores contactaram-na, perguntando-lhe se havia algo de especial na sua carta que gostasse de partilhar com o país, mas ela disse que não havia nada, que não passava de uma banal encomenda de roupa de uma loja que fechara há muito. Contudo, não era verdade. Sei disso pois estava presente aquando da chegada da carta. Testemunhei a sua reação àquela carta perdida e foi tudo menos banal.

Foi numa manhã de final de fevereiro, o inverno ainda permanecia, os canteiros estavam gelados e eu fora ajudar com o assado de domingo. Por vezes, faço isso já que é do agrado dos meus pais, embora seja vegetariana e saiba que, a determinada altura no decorrer da refeição, a minha mãe fica com um ar preocupado, depois agoniado até que, por fim, incapaz de aguentar, começam a voar estatísticas acerca de proteína e anemia.

Estava a descascar batatas ao lava-loiça quando a carta caiu pela ranhura da porta. Não é habitual chegar correio ao domingo, pelo que devíamos logo ter ficado de sobreaviso, mas tal não aconteceu. No que me dizia respeito, estava demasiado preocupada a pensar em como iria comunicar aos meus pais que eu e o Jamie tínhamos acabado. Já tinham passado dois meses desde que se dera o rompimento, sabia que acabaria por ter de dizer alguma coisa, mas quanto mais demorava a pronunciar as palavras, mais calcificadas ficavam. Além disso, tinha os meus motivos para permanecer em silêncio: os meus pais desconfiaram de Jamie desde o início, não gostavam de trapalhadas e a mãe ainda ficava mais preocupada se soubesse que eu estava a viver sozinha no apartamento. Temia, sobretudo, a conversa inevitável e constrangedora que se seguiria ao meu anúncio. Perceber, em primeiro lugar, a desorientação, depois o alarme e por fim a resignação a atravessar o rosto da mãe quando se apercebesse de que o código maternal exigia que facultasse uma qualquer espécie de consolo... Mas regressemos à correspondência. Ao som de algo a cair suavemente pela ranhura.

– Edie, podes apanhar aquilo?

Era a minha mãe. (A Edie sou eu. Perdão, já o devia ter dito.) Acenou com a cabeça na direção do vestíbulo, gesticulando com a mão que não estava presa nas entranhas da galinha.

Pousei a batata, limpei as mãos num pano de cozinha e fui buscar o correio. Só lá estava uma carta, em cima do tapete de boas-vindas: um envelope oficial dos Correios com a indicação de que continha “correio reenviado”. Li a etiqueta à mãe ao entrar na cozinha.

Nessa altura, já tinha acabado de rechear o frango e enxugava as mãos. Franzindo ligeiramente o sobrolho, mais por hábito do que por alguma expectativa específica, pegou na carta e tirou os óculos de ler que se encontravam em cima do ananás na fruteira. Passou os olhos pelo aviso dos correios e, com um tique das sobrancelhas, começou a abrir o primeiro envelope.

Naquela altura já eu regressara às batatas, uma tarefa provavelmente muito mais cativante do que ver a minha mãe a abrir o correio, por isso lamento dizer que não lhe vi o rosto quando tirou o envelope mais pequeno lá de dentro, quando registou o frágil papel da época de austeridade e o selo antigo, quando virou a carta e leu o nome escrito na parte de trás. Porém, imaginei a cena amiúde: a cor a esvair-se-lhe imediatamente das faces, os dedos a começarem a tremelicar a ponto de demorar alguns minutos até conseguir abrir o envelope.

No entanto, não preciso imaginar o som. O arquejo atroz e gutural logo seguido por soluços ásperos que avassalaram o ar e me levaram a deixar o descascador resvalar, fazendo-me um golpe no dedo.

– Mãe?

Aproximei-me dela, pondo-lhe o braço em redor dos ombros, tendo cuidado para não lhe sujar o vestido de sangue. Mas ela não disse nada. Não podia, disse-me mais tarde, não naquele momento. Ficou ali parada, rígida, enquanto as lágrimas lhe caíam dos olhos pelas faces e ela agarrava o pequeno e estranho envelope, de um papel tão fino que conseguia divisar o canto da carta dobrada lá dentro, bem apertado contra o seu peito. De seguida, desapareceu escada acima para o seu quarto, deixando instruções nervosas acerca da ave e do forno e das batatas.

A cozinha fixou-se num silêncio magoado em redor da sua ausência e eu fiquei muito quieta, deslocando-me muito devagar, como se não a quisesse perturbar ainda mais. A minha mãe não costuma chorar, mas aquele momento – a sua perturbação e o choque que adveio – pareceu-me estranhamente familiar, como se já ali tivéssemos estado. Após quinze minutos

durante os quais descasquei batatas de várias formas, ponderei em possibilidades quanto ao remetente da carta e cogitei na melhor forma de agir, decidi, por fim, bater à porta do seu quarto e perguntar-lhe se queria um chá. Nessa altura, já se recomposera e sentámo-nos em frente uma da outra à mesinha com tampo em fórmica da cozinha. Enquanto eu fingia não reparar que ela estivera a chorar, começou a falar do conteúdo do sobrescrito.

– Uma carta – disse – de alguém que eu conheci há muito tempo. Quando não passava de uma menina com 13, 14 anos.

Surgiu-me uma imagem na cabeça: uma memória vaga de uma fotografia na mesinha de cabeceira da minha avó já velhinha e moribunda. Três filhos, sendo que a minha mãe era a mais nova, uma menina de cabelo escuro e curto, empoleirada numa coisa qualquer em primeiro plano. Era estranho, fizera companhia à avó centenas de vezes ou mais, mas agora não conseguia lembrar-me das feições daquela menina. Quiçá os filhos não se interessem realmente em quem os pais eram antes do seu nascimento; a menos que aconteça algo em particular que lance uma luz sobre o passado. Beberiquei o meu chá, aguardando que a mãe prosseguisse.

– Não sei se te contei muita coisa dessa época, contei? Durante a guerra, a Segunda Guerra Mundial. Foi uma época terrível, era muita confusão, muito se desfez. Parecia... – suspirou –, bem, parecia que o mundo jamais voltaria à normalidade. Como se tivesse sido afastado do seu eixo e nada mais fosse capaz de o repor no lugar certo.

Envolveu a beira fumegante da caneca com as mãos, olhando fixamente lá para dentro.

– A minha família – a mãe e o pai, a Rita, o Ed e eu – vivíamos todos numa casinha na Rua Barlow, junto a Elephant and Castle, e no dia a seguir ao rebentar da guerra, nós, as crianças, fomos reunidas na escola, marchámos até à estação dos comboios e fomos postas em carruagens. Nunca me esquecerei – todas com as nossas etiquetas e máscaras e pacotes e as mães, que estavam com dúvidas, a correr pela estrada abaixo até à estação, gritando para que o revisor deixasse os filhos sair; depois gritavam aos filhos mais velhos para que tomassem conta dos irmãos, para que não os perdessem de vista.

Ficou um momento a morder o lábio inferior, enquanto a cena se desenrolava na sua memória.

– Deve ter sido assustador – disse em voz baixa. Na nossa família, não temos o hábito de dar as mãos, caso contrário teria tomado a mão dela na minha.

– Foi, ao princípio.

Tirou os óculos e esfregou os olhos. Sem a armação, o seu rosto apresentava uma expressão vulnerável, inacabada, como um pequeno animal noctívago confundido pela luz do dia. Fiquei feliz quando ela voltou a pô-los e continuou.

– Nunca tinha estado longe de casa, nunca passara uma noite longe da minha mãe. No entanto, os meus irmãos mais velhos estavam comigo e, à medida que a viagem prosseguia e um dos professores distribuiu tabletes de chocolate, começámos a ficar todos mais animados, começámos a dar vivas e a encarar aquela experiência quase como uma aventura. Consegues imaginar? Fora declarada guerra mas nós cantávamos e comíamos peras em lata e olhávamos pela janela a jogar o Eu Vejo. As crianças são muito resistentes, sabes? Por vezes até indiferentes.

“Lá chegámos a uma terra chamada Cranbrook, onde fomos divididos em grupos e postos em várias camionetas. Aquela onde me puseram e ao Ed e à Rita levou-nos até à aldeia de Milderhurst onde entrámos em fila indiana num átrio. Aí, aguardava-nos um grupo de mulheres da terra, de sorrisos postos nos rostos, listas nas mãos e ficámos em fileiras enquanto as pessoas andavam à nossa volta a fazerem as suas escolhas.

“Os mais novos depressa foram escolhidos, especialmente os mais bonitinhos, As pessoas deviam julgar que dariam menos trabalho, julgo eu, que não estariam tão impregnados pelo ar de Londres. – Mostrou um sorriso contrafeito. – Não demoraram a perceber.

“O meu irmão foi logo escolhido. Era um rapaz forte, alto para a idade, e os agricultores estavam desesperados por mão de obra. A Rita foi escolhida pouco depois com uma amiga da escola.

Aquilo foi a gota de água. Estendi a mão e pousei-a sobre a dela.

– Oh, mãe.

– Não faz mal. – Tirou a mão e deu-me uma palmadinha nos dedos. – Não fui a última a ser escolhida. Alguns outros... um rapazinho com uma doença de pele. Não sei que lhe aconteceu, mas ainda ficou naquele átrio quando eu saí. Sabes, mais tarde e durante muitos anos, forcei-me a comprar fruta tocada se fosse nisso que pegava primeiro na mercearia. Não andava cá a ver as peças todas ao pormenor e a devolvê-las à caixa se não estivessem em condições.

– Mas acabaste por ser escolhida.

– Sim, acabei por ser escolhida. – Baixou o tom de voz, remexendo numa coisa qualquer no colo, pelo que tive de me chegar mais perto. – Ela

chegou atrasada. A sala estava quase vazia, a maior parte das crianças já se fora embora e as senhoras do Serviço Voluntário Feminino estavam a guardar os apetrechos do chá. Eu começara a choramingar um pouco, embora o fizesse de forma discreta. Até que, de súbito, *ela* entrou de rompante e o próprio ar pareceu mudar.

– Pareceu mudar? – Torci o nariz, lembrando-me daquela cena de *Carrie* em que a luz explode.

– É difícil explicar. Alguma vez conhecestes uma pessoa que parece trazer com ela a sua própria atmosfera quando chega a algum lugar?

Talvez. Encolhi os ombros, sem grande convicção. A minha amiga Sarah tem o costume de fazer virar cabeças onde quer que vá; não é bem um fenómeno atmosférico, mas ainda assim...

– Não, claro que não conhecestes. Parece um pouco ridículo dizê-lo assim. O que quero dizer é que era diferente das outras pessoas, mais... Oh, não sei. Era *mais*. Bonita de uma forma inusitada, cabelo comprido, olhos grandes, um olhar um tanto desvairado, mas não era só isso que a distinguia dos restantes. Nessa altura, em setembro de 1939, tinha somente 17 anos, mas as outras mulheres pareceram encolher-se quando ela chegou.

– Mostraram-se obsequiosas?

– Sim, é essa a palavra, obsequiosas. Surpreendidas por vê-la e sem saberem como se comportar. Por fim, uma delas falou, perguntando-lhe se a podia ajudar, mas a rapariga limitou-se a acenar os longos dedos, anunciando que viera buscar a sua criança evacuada. Foi isso que ela disse: não era *uma* criança evacuada; era a *sua* criança evacuada. Depois, dirigiu-se diretamente até onde eu estava sentada no chão. “Como te chamas?”, perguntou ela e, quando lhe disse, sorriu e retorquiu que eu devia estar cansada, já que a viagem fora longa. “Queres vir para a minha casa?” E eu acenei a cabeça, deve ter sido isso, pois nessa altura virou-se para a mulher que parecia mais autoritária, aquela que tinha a lista, e disse que me ia levar com ela para casa.

– Como é que se chamava?

– Blythe – disse a minha mãe, reprimindo um calafrio quase impercetível. – Juniper Blythe.

– Foi ela que te enviou a carta?

A mãe confirmou.

– Levou-me para o carro mais luxuoso que alguma vez vira e conduziu até ao lugar onde vivia com as suas irmãs gémeas mais velhas, passando por portões de ferro e percorrendo um caminho sinuoso até chegarmos a um

enorme edifício em pedra, rodeado por um bosque cerrado. O Castelo de Milderhurst.

O nome parecia saído diretamente de um romance gótico e eu senti um certo formigueiro ao lembrar-me do soluço da mãe quando leu o nome da mulher e o endereço nas costas do envelope. Já ouvira histórias acerca dos evacuados, acerca de algumas situações que se passaram e disse de um só fôlego:

– Era sinistro?

– Oh, não, nada disso. Não era nada sinistro. Muito pelo contrário.

– Mas a carta... Fez-te...

– A carta foi uma surpresa, só isso. Uma memória de tempos passados.

Ficou em silêncio e eu pensei na enormidade da evacuação, como deve ter sido assustador e estranho para ela enquanto criança ser enviada para um sítio desconhecido onde tudo e todos eram extremamente diferentes. Conseguia ainda alcançar as minhas experiências de infância, o horror de ser lançada para novas e enervantes situações, os laços furiosos que se criavam por necessidade – a edifícios, a adultos compreensivos, a amigos especiais – em prol da sobrevivência. Recordando essas amizades prementes, fui assolada por um pensamento:

– Alguma vez voltaste, mãe, depois da guerra? A Milderhurst?

Olhou para cima de repente.

– Claro que não. Porque haveria de lá voltar?

– Sei lá. Para pôr a conversa em dia, para cumprimentar. Para ver a tua amiga.

– Não – disse com firmeza. – Tinha a minha própria família em Londres, a minha mãe não podia abdicar de mim e, além disso, havia trabalho a fazer, as limpezas pós-guerra. A vida real prosseguiu. – Com isso, o habitual véu desceu entre nós e eu soube que a conversa terminara.



Afinal, não comemos o assado. A mãe disse que não lhe apetecia e perguntou se me importava muito de não comer esse prato nessa semana. Pareceu-me indelicado lembrar-lhe que, de qualquer forma, não comia carne e que a minha presença se devia mais a um dever de filha, por isso disse-lhe que não fazia mal e sugeri que se deitasse um pouco. Ela aceitou e, enquanto eu guardava os meus pertences na mala, ela já estava a engolir dois manipulados de paracetamol, lembrando-me que protegesse os ouvidos do vento.

O meu pai, ao que parece, dormiu durante toda aquela situação. É mais velho do que a minha mãe e reformou-se há uns meses. Não se adaptou bem à reforma: deambula pela casa durante a semana, à procura de coisas para consertar e limpar, a enlouquecer a mãe, até que, ao domingo, descansa na sua poltrona. É o direito dado por Deus ao homem da casa, diz a quem o quiser ouvir.

Dei-lhe um beijo na face e saí, enfrentando o ar fresco até ao metro, cansada e abalada e, de certa forma, deprimida por estar a regressar sozinha ao apartamento estupidamente caro que partilhara até há pouco com Jamie. Só algures entre High Street Kensington e Notting Hill Gate me dei conta de que a mãe não me contara o que dizia a carta.